

# A sexualidade no sujeito diverso<sup>1</sup>

Christiane Vecchi da Paixão<sup>2</sup>

**Resumo:** A autora retoma o conceito freudiano de sexualidade infantil para pensar a complexidade da sexualidade humana, na medida em que situa o sujeito no campo pulsional. A partir de Freud, a sexualidade ganha em abrangência de sentidos e vira uma psicosexualidade, produzindo seus efeitos na vida emocional de todos nós. Também discute uma das variações da sexualidade, a transexualidade, de modo a questionar alguns dos paradigmas conceituais da psicanálise.

**Palavras-chave:** Psicosexualidade. Pulsão. Sexualidade infantil.

O que é diverso, a sexualidade ou o sujeito? Definir o que é sexualidade em psicanálise não é tarefa das mais simples, ainda que seja senso comum dizer que a psicanálise explica tudo pelo sexo. Nesse contexto, é necessário destacar que sexo e sexualidade muitas vezes são pensados como sendo a mesma coisa, isto é, a sexualidade e o fazer sexo como correspondentes. No entanto, em psicanálise, a sexualidade não é de maneira nenhuma o que dessa forma ligeira pensamos que seja. A sexualidade humana, situada no campo pulsional, deixa de se constituir numa prática, mais ou menos satisfatória, e ganha com Freud originalidade e abrangência: a sexualidade humana vira uma psicosexualidade.

Freud estendeu o campo da sexualidade para partes do corpo que não tinham ligação direta com o sexo. Há uma situação quase anedótica contada por Green (1995) em um de seus textos, na qual relata que Freud teria sido procurado

---

1 Trabalho apresentado na Jornada da SBPdePA em Florianópolis (2017).

2 Membro da SBPdePA.

por um antropólogo que dizia que os antropólogos à época não observavam características anais em certas tribos primitivas. Freud responde: Por quê? Eles não têm ânus? Parece óbvio que a reação do Freud indicava que não se confundisse a sexualidade com órgão sexual, a sexualidade com genitalidade ou, ainda, com prática sexual. Freud insiste em dizer que o sexual não é o mesmo que genital. No início do século XX, em 1905, introduz nos três ensaios a noção de sexualidade infantil, ideia inovadora tanto rejeitada e geradora de muita resistência. Nesses ensaios, está clara a insistência de Freud em ampliar o conceito de sexualidade e estender o infantil a todas as realizações humanas.

Freud desmonta essa suposta relação entre sexo e sexualidade, sexo e reprodução, ao incluir um novo elemento que abala as convicções da época. Com seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, aponta para a descoberta da vida sexual infantil, marca indelével da sexualidade humana. Logo, sexualidade é um conceito complexo que está no cerne da teoria psicanalítica e que remete à sexualidade infantil, aquilo que foi recalçado e permanece escondido e que se expressa na forma de fantasias.

A pulsão sexual será a grande revelação nesse artigo de 1905, como foi o conceito de inconsciente no livro dos sonhos de 1900. Juntos, a *Interpretação dos sonhos* e os *Três ensaios* representam as bases da fundação da psicanálise. O próprio Freud considerou os *Três ensaios* como “uma realização de valor comparável à interpretação dos sonhos”. (como citado em Jorge, 2007). E é justamente nesses textos que, com ousadia, Freud (1905/2016) afirma:

a relação da criança com a pessoa que dela cuida é, para ela, uma fonte inesgotável de excitação e satisfação sexual provenientes das zonas erógenas, principalmente porque essa pessoa, geralmente a mãe, dirige à criança os sentimentos que decorrem de sua própria vida sexual, acariciando-a, beijando-a, e embalando-a; e a toma claramente como substituto de um objeto sexual pleno e legítimo. (p. 89)

Essa passagem, escrita em 1905, e mantida sem alterações em todas as revisões dos três ensaios, coloca a mãe como a grande e a primeira sedutora da criança ao despertar, excitar as partes do corpo do seu filho. Também anuncia um corpo inteiramente excitável, para além das zonas genitais, afirmando, assim, a predominância de uma variedade de sexualidade. Uma sexualidade que pode transformar qualquer região ou função do corpo, qualquer atividade humana em “zona erógena” (André, 2016, p. 118).

Nesse sentido, a sexualidade humana é tão diversa quanto são os sujeitos, devido às fantasias que cada um constrói em relação ao seu objeto sexual. O objeto em

torno do qual se dirige a pulsão sexual é sempre um objeto insatisfatório, pois traz a marca da nostalgia do primeiro objeto, a mãe, ou o seio perdido no desmame. O encontro do objeto é, afinal, um reencontro, já diz Freud em 1905/2016 (p. 88). Isso fará Lacan afirmar que o objeto perdido e sempre buscado, antes de ser o objeto de desejo, é o objeto causa do desejo. Lembremos Freud (1905/2016):

. . . há apenas uma solda entre a pulsão sexual e o objeto sexual, a qual corremos o risco de não ver, em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, indica-se-nos afrouxar o vínculo existente em nossas compreensões entre a pulsão e o objeto. Provavelmente, a pulsão sexual inicialmente seja independente de seu objeto, e tampouco deva sua origem às excitações do mesmo. (p. 32)

Lembrando que os três ensaios, especialmente o primeiro deles – *As aberrações sexuais*, é uma tentativa de estabelecer uma distinção entre a sexualidade dita normal e a sexualidade patológica, tendo como ponto de discussão a inversão da sexualidade, que à época era pensada como uma perversão. O que está em jogo nesse debate são os desvios em relação ao objeto e ao alvo da pulsão e, com isso, o ponto de partida para o que fará logo em seguida, em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), quando define os quatro elementos constituintes da pulsão: uma fonte, uma força, um alvo e um objeto. Dirá Freud (1915/1976) que o que é inerente à própria pulsão é a busca por descarga/satisfação, e o é independentemente do objeto (sempre variável e substituível). Exceto em perversões nas quais o objeto é fixo, pois, nesses casos, só há uma forma de satisfação.

Toda a discussão teórica da época, com Binet e Krafft-Ebing, questionava se seriam as perversões inatas ou adquiridas e, com isso, se só alguns sujeitos estariam predispostos a elas. Freud faz uma verdadeira reviravolta nesse conflito teórico ao dizer que há uma disposição universal em todos os seres humanos para as perversões de toda espécie. Sendo essa uma característica humana geral e fundamental, a sexualidade passa a ser pensada, acima de tudo, como psíquica.

“Há, sem dúvida, algo inato no fundamento das perversões, mas algo inato em todos os seres humanos, por mais que essa disposição possa variar de intensidade e ser acentuada pelas influências da vida” (Freud, 1905/2016, p. 51).

O que Freud anuncia é a disposição originária universal da pulsão sexual humana, que denomina disposição perversa-polimorfa ou, como preferem alguns, disposição polimorfamente perversa para acentuar o caráter polimórfico e variante da pulsão. Jacques André (2016) assim define:

A união dessas duas palavras forma um oxímoro, pois nada é menos “polimorfo” que a perversão na acepção comum do termo. É próprio do perverso submeter sua vida se-

xual (e eventualmente aquela do objeto necessário à realização) a uma fantasia, e a uma única. A perversão é menos o seguimento da sexualidade infantil do que sua fixação. (p. 118)

O polimorfismo da sexualidade infantil, portanto, é “capaz de se apropriar de qualquer atividade humana, por mais distante que esteja do que é comumente sexual, como a atividade intelectual por exemplo. O infantil sexualiza tudo aquilo em que ele toca” (André, 2016, p. 118).

Essa discussão traz consigo a teoria da bissexualidade. Elemento teórico que atravessou todo o diálogo com Fliess e que permitiu a Freud situar a disposição polimorfa perversa como constituinte da sexualidade humana e evidenciá-la nas manifestações da sexualidade infantil (Jorge, 2007).

Para Freud, os destinos da sexualidade humana passam pela travessia do complexo de Édipo e do complexo de castração, pensados como organizadores psíquicos. Não podemos pensar o complexo de Édipo sem o seu par, o complexo de castração. Nesse sentido Delouya (2003) dirá que lidar com o Édipo é perlaborar a bissexualidade originária que subjaz ao trabalho edípico.

Nesse sentido, os desejos bissexuais estão presentes na fantasia da vida infantil e se apresentam de múltiplas maneiras na fantasia de ser e ter os dois sexos. Travam na mente infantil uma verdadeira batalha para a aceitação do destino monossexual de cada um, fruto do trabalhoso processo identificatório, no qual a diferença vai ser marcada e a monossexualidade deve se cumprir.

MacDougall (1997) esclarece:

esses anseios bissexuais estão, é claro, destinados a permanecer insatisfeitos, pois a menina não irá se tornar homem, nunca vai possuir sua mãe sexualmente e fazer bebês com ela nem vai receber um bebê do seu pai. Semelhantemente o menino não vai se tornar mulher, não vai fazer bebês com seu pai nem tornar-se parceiro sexual dele, como outrora imaginou. (p. XIV)

A autora dirá ainda que a descoberta da alteridade, da diferença entre os sexos e da inevitabilidade da morte são traumas universais e que, em alguma medida, “todos nós os negamos nos mais profundos recessos de nossas mentes, lá onde temos a liberdade de sermos onipotentes, bissexuais e imortais” (MacDougall, 1997, p. XVI).

Essa teorização organiza metapsicologicamente nosso fazer clínico e coloca as diferenças anatômicas operando na medida em que fazem o complexo de castração trabalhar em função dessas diferenças. Nesse sentido, a ausência e a diferença seguem sendo organizadores psíquicos.

Sabemos todos que uma grande e acelerada transformação vem ocorrendo na forma como se expressa a sexualidade, gerando nos psicanalistas a sensação de caminhar num território um tanto nebuloso. Cada época histórica reflete a forma como os sujeitos pensam, vivem e interpretam o mundo e vivemos, hoje, um momento de mudanças vertiginosas que interrogam todos os setores da ciência.

No campo da sexualidade as manifestações *trans* são a expressão máxima dessas mudanças, colocando em cena um desacordo irreconciliável do corpo biológico com a identidade sexual. Isso leva à busca por cirurgias reparadoras, numa tentativa de conciliar o sentimento de si com o corpo a que pertence.

E como adquirimos o sentimento de si, o sentimento de pertencer a um ou outro sexo? Nossas teorias indicam que essa aquisição se dá através do processo identificatório que fará nascer um ser sexuado, resultado das identificações masculinas e femininas constitutivas da relação com os dois sexos. É justamente isso que vem sendo duramente criticado por algumas vertentes do pensamento contemporâneo que apontam a psicanálise como uma teoria fundada no falocentrismo e no binarismo sexual. As críticas severas atingem em cheio dois conceitos fundamentais, o complexo de Édipo e o complexo de castração, bem como as saídas identificatórias resultantes desse longo processo para a determinação da identidade sexual e da escolha de objeto.

Diante desses questionamentos, perguntamos: de onde viria o sentimento de si senão a partir de uma primária ligação com o outro? Há vezes que pensam que a construção de si mesmo pode ser autoengendrada, sem a mediação do outro, a ponto de ser cada vez mais defendida a ideia de que, ao nascer, a criança não receba a designação a qual sexo pertence, que ela mesma se autodesignará. Acaso fosse assim, teríamos que abandonar a crença na existência do inconsciente.

Levantamos a hipótese de que a manifestação *trans* se apresenta em alguns casos como tentativa de responder aos conflitos identitários e se assemelha àquilo que MacDougall chamou de neossexualidade. Uma solução que cada um inventa para si, numa tentativa de contornar conflitos esmagadores, que “estão a serviço de homeostases libidinais e narcísicas” (MacDougall, 1997, p. 196).

Até pouco tempo, parecia que as fantasias bissexuais, que habitam nosso inconsciente e recheiam os sonhos por exemplo, eram apenas parte do nosso mundo fantasmático. A renúncia a *ser e ter* os dois sexos deixa de ser um trabalho psíquico e passa, pelo efeito da cultura, a sofrer uma operação não mais psíquica, mas capitaneada pela medicina. Em alguns casos, coabitam no mesmo corpo os sinais dos dois sexos.

Há uma cena no documentário *Laerte-se*, lançado em 2017, que explora esteticamente essa ideia. Num grande salão vazio, com música ao fundo, uma

mulher dança com os seios à mostra – assim pensa o espectador. A câmera vai se afastando e o cenário vai se abrindo, fazendo surgir um corpo humano, com seios e pênis. Uma forma ao mesmo tempo estranha e sensual, que provoca no espectador uma sensação de inquietude, e até de mal-estar. Se em algum momento isso foi pensado como expressão da psicose ou de perversão, hoje, não mais nos pronunciamos assim, até porque, longe de classificar as pessoas, cabe a velha recomendação freudiana de escutar o sofrimento de cada paciente como se fosse o primeiro paciente da psicanálise. Sendo assim, iremos precisar de um bocado de casos para, talvez, dizer que o que pensávamos até então, não era nada disso.

Para finalizar, a escuta psicanalítica com sua vertente da sexualidade infantil ainda não abandonou os consultórios dos psicanalistas e se sustenta num bocado de casos que respondem a ela.

### **Sexuality in the diverse subject**

**Abstract:** The author retakes the Freudian concept of infantile sexuality to think the complexity of the human sexuality, in that it places the subject in the drive field. From Freud onwards, sexuality gains in the comprehension of senses and becomes a psychosexuality producing its effects on the emotional life of all of us. It also discusses one of the variations of sexuality in the presentation of transsexuality, which questions some of the conceptual paradigms of psychoanalysis.

**Keywords:** Child sexuality. Drive. Psychosexuality.

### **Referências**

André, J. (2016). Nascimento da sexualidade humana. In *Sexualidade*. Porto Alegre: Evangraf.

Delouya, D. (2003). A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: Considerações teóricas acerca da clínica. *Ágora*, 6(2), 205-214.

Freud, S. (1976). A pulsão e seus destinos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Sexualidade*. Porto Alegre: Evangraf. (Trabalho original publicado em 1905)

Green, A. (1995). “Has sexuality anything to do with psychoanalysis?”. *International Journal of Psychoanalysis*, 76(5), 871-883.

Jorge, M. A. C. (2007). A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). *Psychê*, 11(20), 29-46.

Jorge, M. A. C., & Travassos, N. P. (2017). A epidemia transexual: Histeria na era da ciência e da globalização? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(2), 307-330.

Jorge, M. A. C., & Travassos, N. P. (2018). *Transexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Zahar.

MacDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: Uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 06/09/2018

Aceito em: 17/09/2018

Christiane Vecchi da Paixão  
Rua Ramiro Barcelos, 1793 / 408  
90035-006 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: cv.paixao@hotmail.com